

# jornal do nuances

grupo pela livre expressão sexual

Edição nº 49 / Abril de 2022 / Porto Alegre / RS / Brasil

EDIÇÃO  
ESPECIAL  
30 ANOS

Dando poder para o povo LGBTQIA+

1991 / 2021

30 ANOS  
DANDO POR AÍ  
nuances  
grupo pela livre expressão sexual



## BANCADA NEGRA

Momento histórico na política de Porto Alegre - Páginas 4 e 5

## PÉ NA PORTA

Sapatonas, lésbicas, entendidas e hétero-simpatizantes  
30 anos dando as caras por aí - Páginas 14 e 15

## O NOSSO QUEERMUSEUM É A RUA

Lançamento das ações do Nuances! - Página 3

## DEPOIMENTOS

nuanceiras e simpatizantes falam sobre a trajetória  
Páginas 10 e 11

## UM FRENESI NA MALDITA PORTO ALEGRE

Nega Lú invade os espaços da cidade  
Centrais



# A arte necessária em tempos sombrios

**Célio Golin\***

O que vivemos hoje no Brasil faz lembrar um dos momentos mais trágicos e obscuros vividos pela Humanidade, quando nazistas destruíram o que chamavam de arte degenerada, perseguindo artistas que tinham por responsáveis pela decadência moral da sociedade.

Considerando essa memória, aqui mesmo em Porto Alegre houve um exemplo dos mais marcantes a ilustrar muito bem esse cenário: em 2017 o Movimento Brasil Livre promoveu o fechamento da exposição Queermuseu que ocorria no centro da cidade. Esse evento repressivo teve repercussão internacional!

Amparado por setores da direita e pelo capital internacional que repercutiam aqui no Brasil, o MBL iniciou uma escalada de ataques a pautas culturais que considerava imorais, incitando discursos de ódio impregnados de preconceito. No mesmo passo, promoveu perseguições a políticos de esquerda que defendiam a pauta dos Direitos Humanos.

O Queermuseu acontecia no Santander Cultural, um espaço de referência das artes e cultura em Porto Alegre, quando o MBL passou a ocupar ostensivamente as galerias que expunham as obras de arte queer, afrontando a curadoria da mostra. O MBL chegou ao ponto de constranger as pessoas que a vinham visitar! A Direção do Santander, atacada, não quis defender o projeto e simplesmente se curvou à pressão do MBL: encerrou a exposição!

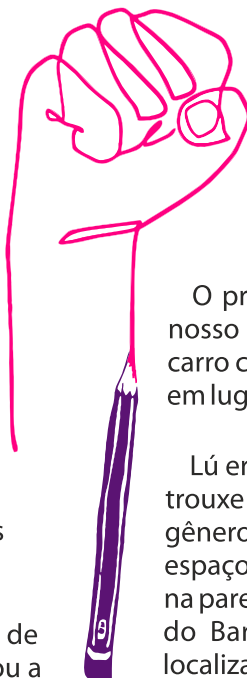
Então o Nuances, juntamente com outras entidades que compõem o coletivo que organiza a Parada Livre, rapidamente realizou um importante ato de protesto na frente do Santander, ocupando a rua como forma de resistência.

Na sequência da manifestação, os integrantes do MBL que ali estavam presentes, incluindo o próprio Mamãe Falei, foram escoltados pela Brigada Militar e recebidos no Paço Municipal pelo prefeito Nelson Marchezan Jr. O Prefeito declarou na imprensa que a mostra continha "imagens de zoofilia e pedofilia". A Coordenadoria de Políticas para a População LGBTQIA+ da Prefeitura Municipal, que em tese deveria defender as pautas LGBTQIA+, uniu-se ao Prefeito, e falou que as obras expostas ofendiam as crianças. Cabe ressaltar que alguns partidos políticos concordaram com aquela censura, e se em 2017 simpatizavam com o que foi um verdadeiro ataque à democracia, hoje reclamam da censura que o atual governo vem impondo.

É interessante pensar que se hoje está tão em voga a ideia da defesa de direitos LGBTQIA+, algo aliás que conta com a adesão interesseira do Mercado, no caso do Queermuseu, isso não ocorreu. O Santander, banco privado proprietário do Santander Cultural, ficou do lado dos discursos de ódio, moralistas e hipócritas, e cedeu. Isso faz acender um alerta para os limites da inclusão social a partir do Capital!

Somos sabedores de que estas questões estarão em disputa por muito tempo, precisamos combinar nossas ações com outros setores que hoje sofrem com constantes ataques. Hoje temos parlamentares LGBTQIA+ ocupando espaços dentro do Poder Legislativo, algo que tem significado político fundamental na disputa ideológica. Espaços antes reservados para homens brancos e heterossexuais, que detinham ali o monopólio e o domínio exclusivo do poder, agora são também ocupados por corpos LGBTQIA+, mulheres, pessoas comprometidas com o estado democrático. No campo da Cultura, música, cinema, artes plásticas, literatura e teatro, a população LGBTQIA+ vem se fazendo presente de forma consistente e politizada. Novas e novos artistas se destacam pela qualidade de suas obras, e através delas, apontam para uma disputa simbólica e real de poder na sociedade brasileira.

Mas esse fato, infelizmente, não foi isolado. A partir daí, ampliou-se um processo de censura que se espalhou pelo país com mais intensidade, e não foram poucas as peças de teatro, exposições, filmes e projetos culturais que sofreram (e vêm sofrendo) ataques sistemáticos de grupos e setores conservadores, desferidos não somente nas redes sociais, mas também em programas de televisão e rádio, em jornais, e através de projetos de leis. Em contrapartida, o Movimento Social vem reagindo a esses ataques.



Com a decisão do Santander de fechar o Queermuseu, o Nuances entrou com uma representação junto ao Ministério Público Federal pedindo a reabertura da exposição, que teve consequências. Como o Santander negou-se a reabrir a exposição, foi condenado pagar uma multa, cujo valor posteriormente foi a fonte de financiamento de um edital público para premiar projetos culturais e educativos.

O projeto proposto pelo Nuances, "Nuances, 30 anos em exposição: nosso Queermuseu é na rua", foi contemplado, entre vários outros. O carro chefe do projeto foi uma exposição sobre a vida e obra da Nêga Lú, em lugares abertos de Porto Alegre e onde ela frequentava quando viva.

Lú era uma figura que tinha na arte um dos pilares de sua existência, e trouxe em sua história de vida muitos questionamentos sobre cultura, gênero, raça, sexualidade. Seguindo a mesma estratégia de ocupação do espaço público, fizemos um grafite expressivo com a imagem da Nêga Lú na parede da loja Profana, no coração do bairro Cidade Baixa. Já na parede do Bar Ocidente, local importante para a cultura de Porto Alegre localizado no Bomfim, grudamos um mosaico de azulejos com a efígie da Nêga Lú.

A escolha de homenagear Nêga Lú tem vários significados, por considerarmos a importância de suas raízes, a ousadia que ela trazia inscrita no seu corpo, seus gestos, sem dúvida na sua voz profunda, e principalmente por sua expressão transgressora. Nêga Lú era de mundos e submundos, e deixou um legado que nos dias de hoje se torna ainda mais significativo, uma herança que nos possibilita pensar sobre o poder de transformação que podemos exercer ao questionar a ordem moralista que se intensificou no atual cenário político.

O projeto comemorativo aos 30 anos do Nuances foi realizado em parceria com a Museologia da UFRGS. As exposições para registrar a vida da Nêga Lú se deram também na Lancheria do Parque, no Bar Plano A (vizinho à antiga casa da Lú, no bairro Menino Deus) e no Venezianos Pub, local de resistência LGBTQIA+ localizado na Travessa dos Venezianos (por sua vez, rua de referência para o povo negro da cidade).

A exemplo do que fez por ocasião do Queermuseu, o Nuances, através de representações junto ao MPF, denunciou o Banco do Brasil por ter censurado uma propaganda em que aparecia uma trans, e processou o apresentador Sikêra Jr. por ter proferido um discurso lgbtfóbico que em seu programa televisivo, representação exigindo que a população LGBTQIA+ fosse contemplada no senso do IBGE, entre outras.

A ocupação de espaços institucionais tem uma relevância muito importante para afirmação e reconhecimento da população LGBTQIA+, mas para o Nuances, as ruas e espaços não convencionais traduzem bem o que o Nuances pensa sobre arte, cultura e seus significados.

**\* Co-fundador do nuances**

## NUANCES RECEBE HOMENAGEM

O grupo receberá a **Comenda Por do Sol** entregue pela vereadora **Diana Santos** no **plenário Ana Terra da Câmara Municipal de POA** pelo conjunto de suas ações ao longo de 30 anos de trajetória.

**Dia 17 de maio às 17h**  
**E você é nosso convidado!**

**jornalista responsável: Sinara Sandri**

**arte e diagramação: Vladimir Azeredo e Perseu Pereira**

**colaboradores/as:** Betania Alfonsin, Celio Golin, Hack Basilone, Joel Leal, Liane Susan Muller, Mauricio Nardi, Marcos Benedetti, Maythê Gonçalves, Marlise Giovanaz, Perseu Pereira, Sinara Sandri, Vladimir Azeredo e Walmor Triaca.

**impressão**

Gráfica Uma

**tiragem**

3.000 exemplares

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**



nuanceslgbts



nuanceslgbts

**jornal do  
nuances**  
grupo por dentro organizado ANUAL



# NUANCES 30 ANOS NOSSO QUEER É NA RUA

Por Sinara Sandri

A campanha começou com a aplicação de painéis tipo lambe em tapumes de vias de grande circulação na cidade. Os chamados “lambe” são uma forma tradicional de colocar uma mensagem na rua e para a campanha do Nuances foi desenvolvida uma arte que lembra os 30 anos de atividade política pública do grupo, com a fotografia de arquivo que mostra uma manifestação realizada na década de 90.

Nos seus 30 anos, o Nuances espalhou obras em lugares de grande visibilidade e fez uma homenagem à **Nêga Lu**, celebridade popular e ícone da transgressão portoalegrense. O grafite de sete metros de altura, inaugurado em 9 de julho, vai ocupar a parede da loja Profana, no coração da Cidade Baixa, por muito tempo.

Quem passar pela rua Lima e Silva vai enxergar o mural criado e instalado pelo artista urbano **SoulChamb** (Alexandre Lopes da Silva) a partir de fotos e de uma pesquisa sobre a vida de Nêga Lú, figura que marcou a cena boêmia e artística dos anos 70 e 90 na capital. As cores e o retrato lembram uma trajetória de vida que desafiou padrões de comportamento e virou uma referência na noite de Porto Alegre como bailarina, cantora e personalidade anticonvencional, verdadeiro ícone da diversidade sexual na cidade.

O mural foi inaugurado na noite de 9 de julho com a presença de muitas pessoas amigas e parceiras do Nuances. Foi um momento muito especial para reconectar as pessoas e reafirmar as práticas de resistência e os espaços de visibilidade para os grupos e pessoas LGBTQIA+.

Além de subir as paredes da CB, a Nêga Lú também foi tema da exposição idealizada pelo grupo de **museólogos da Ufrgs** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e o Nuances fez uma série de postais ilustrados que reproduzem a arte do grafite. A ideia recupera a antiga prática de enviar cartões-postais físicos pelo correio e cria uma oportunidade para mandar uma mensagem de resistência contra o racismo e a homofobia. No cartão, vai impresso um recado do Nuances para ser espalhado como uma homenagem mais que merecida.

“Ela era de muitos mundos e submundos também. Mas se tem lugar em que a Nêga desfilava, esse lugar era nas ruas desta cidade de Porto Alegre, onde ela deixou em sua passagem uma luz que marcou toda uma geração de amigos”, diz o cartão produzido em parceria com a loja **Profana** e a **Mambembe BrewPlace**.



Foto: Denilson Fagundes



Foto: nuances

## OTIM PRAS PHYNAS

O aniversário de 30 anos do Nuances foi comemorado com muita máscara e em grande estilo, no dia 15 de julho, dando *otim pras phynas* com copo e cerveja exclusiva do **Bárbaros Cervejas Especiais**, em Porto Alegre.

A parceria do Bárbaros e Nuances já acontece há três anos e as peças apresentadas estão disponíveis para venda no bar. O copo de vidro (500 ml) Modelo Herradura foi fabricado na Colômbia e serve qualquer estilo de cerveja. A peça traz uma ilustração feita por Vladi Azeredo, a partir de uma releitura do quadro “A Dança”, obra icônica do pintor Matisse. A arte aplicada sobre o copo apresenta um amplo mosaico de cores e remete à ideia de união e confraternização produzidas nas três décadas de ativismo do Nuances.

“Quería remeter a ideia de união pelo ativismo e confraternização, pelas três décadas do grupo. Usei como parte do selo uma ilustração estilizada e um mosaico de cores mais amplo, que deixaram mais significativa e inclusiva essa parte da composição, combinando com a mensagem na frase conceitual da campanha”, explicou Vladi.

Para combinar com o copo comemorativo, a cerveja também é exclusiva. Desenvolvida pela Bárbaros Cervejas Especiais em parceria com a Cervejaria Bodoque, a latinha comemorativa traz uma Pilsen leve que apresenta amargor firme e aroma marcante. Obtida com a utilização da técnica “Single Hop”, onde é utilizada apenas uma variedade de Lúpulo, esta técnica combina com a base simples do estilo e ainda revela todas as nuances da variedade utilizada e geralmente é utilizada nas IPAs. Para o Nuances, a Bárbaros escolheu o Kazbek, lúpulo Tcheco com herbal delicado e leve aroma de limão.

A equipe do Bárbaros explica que a ideia da cerveja foi uma alternativa para contornar as restrições necessárias para o controle do Coronavírus e manter a parceria que já dura três anos. Como não era possível servir o chope no evento, surgiu a ideia de enlatar uma cerveja de linha da Bodoque e rotular com a arte dos 30 anos do Nuances.



Foto: nuances



Concorrido lançamento no Bárbaros





Sinara Sandri\*

F2020: 11.19 PORTO ALEGRE. Momento histórico na política de Porto Alegre, uma bancada de cinco vereadores negros. Fotógrafo Marco Favero. Fonte Agência RBS.

**A eleição municipal de 2020 marcou uma mudança no cenário político de Porto Alegre e contrariou uma tendência histórica de sub-representação de pessoas negras e mulheres na Câmara.** O resultado ainda está longe de refletir o perfil da população da capital, mas já provoca novidades como a formação de uma bancada municipal articulada para enfrentar o racismo e a violência política.

Pelos números do Censo de 2010 (último realizado no Brasil), pessoas negras são 24,8% da população de Porto Alegre, mas só ocupam 13,88% das 36 vagas no parlamento municipal. Entre as mulheres, os números não são muito melhores. Com 55% do eleitorado da capital, elas não passam de 30% do total de vereadores eleitos em 2020.

Os dados mostram que mulheres e pessoas negras, enfrentam dificuldades maiores que homens brancos para exercer com plenitude seus direitos políticos. A representação desproporcional pode ser confirmada pelas séries históricas, que mostram que entre 1947 e 2020 a composição da Câmara de Vereadores de Porto Alegre teve apenas 26 pessoas negras – sendo apenas seis mulheres – na grande maioria dos casos como suplentes.

O fato torna ainda mais relevante que cinco pessoas negras tenham chegado à Câmara como vereadoras e um mandato coletivo tenha ficado na suplência na última eleição, compondo a maior bancada da casa, em uma cidade marcada pela segregação. Mesmo disputando votos em uma campanha realizada em um contexto desfavorável para os setores populares e de risco sanitário exacerbado pela falta de gerenciamento da pandemia do coronavírus, as candidaturas negras tiveram uma excelente resposta do público. **Karen Santos (PSol)** foi reeleita com a maior votação da cidade, enquanto **Matheus Gomes (PSol)**, **Laura Sito (PT)** e **Bruna Rodrigues (PCdoB)** ficaram entre os 11 mais votados.

Pluripartidário e atuante, o grupo já formalizou a Frente Parlamentar Antirracista da Câmara de Porto Alegre e também tem apresentado projetos sobre a violência política contra mulheres. A bancada tem forte articulação com movimentos sociais e grande conhecimento sobre os problemas enfrentados pela população pobre, constantemente ameaçada por medidas de exclusão urbana. As experiências obtidas em vivências pessoais e coletivas também vão ajudar essas representações políticas a enfrentar a segregação na cidade e a trabalhar para melhorar as condições de vida em áreas periféricas.

Para cumprir esta pauta, o perfil da atual bancada negra reúne características singulares da política local. Na maioria são adultos jovens com sólida inserção social e engajamento na defesa da diversidade e combate à desigualdade social. Entre as quatro eleitas, uma delas é lésbica e assume

publicamente sua lesbianidade..

## Lésbicas na política

Em 2020, o Brasil elegeu 56,3 mil vereadores e vereadoras, sendo apenas 9 mil mulheres. Entre estas, 6% são negras e apenas 13 delas são lésbicassendo somente duas delas na região sul: **Carla Ayres (PT)**, primeira vereadora assumidamente lésbica eleita em Florianópolis e **Daiana Santos (PCdoB)**, primeira vereadora assumidamente lésbica eleita em Porto Alegre.

“A cidade que queremos não tolerará mais a violência direcionada às minorias, o descaso com as populações em situação de vulnerabilidade, a falta de assistência à população de rua e às pessoas em situação de insegurança alimentar grave”, diz a vereadora Daiana.

Aos 36 anos, a moradora da Vila das Laranjeiras, no Morro Santana, se define como “sapatão de luta”. Eleita pelo trabalho de base nas periferias devido ao Fundo das Mulheres POA e pelo seu trabalho como educadora social e sanitária, Daiana explicou em entrevista que a sua mandata prioriza as populações mais vulneráveis da cidade e trabalha na rede de proteção às mulheres e da população LGBTQIA+, negra, contra o desemprego e na defesa da periferia.

“Ser eleita para esta representação é trazer para a pauta discussões que incluam de forma respeitosa a população LGBTQIA+ que sofre com o acúmulo das opressões. Não vou medir esforços. Eu defendo um projeto ao qual eu faço parte. É a diversidade garantindo um espaço de qualidade para debater. É inegável que estamos avançando. Porém, ainda estamos muito distantes da consolidação destes espaços. Esta é uma luta necessária contra o retrocesso e todo este atraso civilizatório”, disse Daiana.

## Poder coletivo

A eleição 2020 também trouxe a novidade da candidatura coletiva de **Thayná Brasil, Josiane França, Karina Elias, Iya Nara de Oxalá e Reginete Bispo** que recebeu 4008 votos e ficou na primeira suplência pelo Partido dos Trabalhadores. Com votos obtidos em toda a cidade e boa resposta em regiões de classe média, a proposta dialogou com grupos não negros que entenderam que a luta antirracista exige mais espaço para o enfrentamento do racismo no campo político. Neste primeiro ano, o coletivo atuou junto a mulheres negras da periferia e, em função da pandemia, priorizou o tema da segurança alimentar e do combate à fome. A defesa do patrimônio municipal e a reforma da previdência, que impacta especialmente as mulheres municipais, também estão na pauta do mandato, junto com a valorização da cultura negra na cidade.



## Violência política

A eleição da bancada negra e a ampliação da representação de mulheres é um passo importante para enfrentar a cultura de violência política também presente na Câmara de Porto Alegre. Carregada de misoginia, LGBTfobia e racismo, a prática política predominante prejudica o exercício pleno das vereadoras e a expressão de demandas de setores sociais apartados das decisões políticas.

“É incrível perceber que temos colegas vereadores que não possuem educação cívica para o respeito às diferenças e tentam a todo o momento impor, pela retórica agressiva, pela imposição da voz e uso de linguagem racista e machista, interrupção e desprezo para nossas agendas e nossa palavra. São desrespeitos que se expressam individualmente, sobretudo contra as mulheres negras”, explicam as integrantes do mandato coletivo.

As parlamentares contam que a aprovação de projetos é uma tarefa muito difícil, ainda mais quando são demandas e interesses das comunidades periféricas. Os bloqueios aparecem não apenas na discussão de políticas públicas, na destinação de recursos do orçamento municipal, mas também na dificuldade de participação nas comissões. “As articulações da maioria operam para garantir o pöder e atender aos interesses dos dominantes, criando restrições para que as vereadoras e vereadores exerçam o papel de representar a comunidade invisibilizada e apartada dos espaços de decisão e poder”, explicam as vereadoras.

O primeiro vereador negro foi **Eloy Martins**, eleito pelo PCB em 1947; a primeira vereadora negra foi **Teresa Franco, a Negra Diaba**, eleita pelo PTB em 1996.

Antes de 2020, a legislatura com maior presença de negros foi a de 2013 com a eleição de **Tarciso Flecha Negra, Delegado Cleiton e quatro suplentes**.

**O número de candidaturas de pessoas trans e travestis praticamente triplicou nos últimos seis anos e deve crescer ainda mais em 2022.** Mesmo assim, conseguir a eleição e exercer o mandato ainda são tarefas extremamente difíceis no Brasil, país que é líder mundial em assassinatos por transfobia e que vem acumulando casos graves de violência política. Além do desafio de fazer campanhas eleitorais com pouco ou nenhum apoio institucional, o cotidiano do parlamento é marcado por constrangimentos e ataques pessoais.

Desde que **Katia Tapete, a primeira parlamentar trans do Brasil**, foi eleita como vereadora de Colônia do Piauí (Piauí) em 1992, a presença de pessoas trans em cargos políticos aumentou, mas ainda representa cerca de 1 por cento do total de eleitos. Neste período, as candidaturas se nacionalizaram e ampliaram o diálogo com a sociedade, marcando presença em 25 estados brasileiros nas últimas eleições.

Em 2020, essa interlocução resultou em 30 candidaturas trans eleitas no Brasil sendo que oito destas foram as mais votadas para as câmaras municipais de suas cidades. Esse aumento de representação ainda não chegou nas Assembléias Legislativas nem no Congresso Nacional. Até agora, apenas São Paulo tem duas deputadas estaduais trans/travesti e não há nenhuma em Brasília.

Segundo dados da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), estas candidaturas eleitas são majoritariamente de mulheres trans / travestis negras que, na maioria das vezes, estão em primeiro mandato. Moradoras da periferia, normalmente já têm uma trajetória pública de participação em movimentos sociais que não se restringem a questões LGBTQI.

A atuação junto a grupos que defendem setores vulnerabilizados da sociedade ajudou a ampliar a base social, contribuindo no diálogo em temas como direitos humanos, ecologia, mudanças climáticas e direito a cidades.

“Não é um fenômeno, é fruto de uma luta histórica”, explica **Bruna Benevides, transativista e pesquisadora da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)**.

Bruna é responsável pela pesquisa da ANTRA que abastece a mídia e os especialistas com dados sobre candidaturas trans e travestis. A partir de informações obtidas em grupos trans-centrados e com busca ativa em redes sociais, esse mapeamento acompanha as eleições desde 2016 e se tornou uma ferramenta indispensável para enfrentar a desinformação que colabora para que a existência de pessoas trans e travestis permaneça invisível na sociedade.

Como lembra Bruna Benevides, a importância de candidaturas e

## Crime de racismo

Como se não bastasse todo um passado estrutural que sempre dificultou o acesso de pessoas negras em posições de poder, quando isso ocorre, o racismo deixa 'claro' que ele se atualiza por meio de suas ações e não se conforma com a mudança de paradigmas. Parlamentares negres eleitos democraticamente pela sociedade - e que tem em suas agendas políticas, entre outras demandas, a justiça social e equidade de gênero - precisam acionar mecanismos de proteção para exercerem seus mandatos. O cenário político atual tem proporcionado constantes manifestações de ódio ecoadas pela direita facista. O nuances repudia veementemente as ameaças de morte direcionadas à bancada negra e se somou à manifestação na esquina democrática que denunciou tais ameaças no dia 10 de dezembro de 2021. Na ocasião os parlamentares fizeram discursos emocionados com apoio de entidades e pessoas ligadas ao movimento social.

Protesto contra as ameaças de morte feitas à bancada negra de POA. Foto: HackBasilione

## Ex-vereador Valter Nagelstein é condenado por crime racial

Nagelstein foi denunciado pelo Ministério Público após um áudio o qual chamou vereadores eleitos de **“jovens, negros sem nenhuma experiência, sem nenhum trabalho e com pouquíssima qualificação formal”**.

A pena privativa de liberdade de 2 anos de reclusão em regime aberto foi substituída por duas penas restritivas de direito: prestação de serviços à comunidade e prestação pecuniária no valor de 20 salários mínimos, além da multa cumulativa no valor de 20 vinte dias-multa à razão de um salário-mínimo vigente à época dos fatos. A condenação é passível de recurso.

mandatos trans e travestis não se restringe à defesa de interesses do grupo. A pesquisadora assinala a importância da participação de pessoas trans e travestis no sistema político como forma de assegurar a representatividade de grupos minoritários. Na sua opinião, todos os grupos sociais devem fazer parte do corpo político da sociedade, garantindo na diversidade um conjunto maior de experiências – não necessariamente restritas à identidade de gênero – para compor as decisões coletivas.

## Representatividade e violência

As candidaturas apresentadas nas eleições de 2020 tiveram um perfil ideológico amplo e cerca de 40 por cento delas estavam em partidos considerados de direita. Já entre as eleitas, o grupo foi ficando mais à esquerda. Para Bruna, a presença destas candidaturas em grupos conservadores não significa investimento ou interesse na pauta, mas sim uma compreensão de que estes temas têm um espaço na sociedade suficiente para que as candidaturas sejam aceitas em troca do capital político que podem agregar. A questão é que, após eleitas, estas parlamentares ficam isoladas sem conseguir defender as pautas progressistas.

**Outro dado importante é a constatação da pesquisa de que, independente da origem partidária, as candidaturas trans já nascem precarizadas e sem financiamento suficiente dentro dos partidos políticos.** Em muitos casos, as candidatas/os e seu grupo de apoiadores só dispõe de recursos próprios e precisam financiar a campanha dos próprios bolsos. Segundo os dados reunidos pela ANTRA, em 2020, a média de repasse de recursos partidários foi de 16 mil reais por candidatura, mas metade das candidaturas não recebeu qualquer ajuda financeira dos partidos.



Conforme informações da pesquisa, 19 candidaturas fizeram campanha com 5 mil reais e três das eleitas não contaram com qualquer financiamento oficial.

Além da falta de investimento ou do boicote explícito, essas candidaturas e quem as apoia são alvo de violência, que começa durante a campanha e se estende para os mandatos, atingindo pessoas que trabalham nos gabinetes e em alguns casos as/os próprias/os parlamentares. **Durante a campanha de 2020, foram registrados 18 casos de violência contra estas candidaturas. Esses números retratam os episódios que chegaram à mídia e certamente fazem parte de um conjunto muito maior de atos cotidianos que agredem e dificultam a participação política nestes setores da sociedade.**

A eleição também não tem garantido segurança e parlamentares seguem sendo alvo de ataques cujo objetivo parece ser impedir o pleno exercício do mandato. Os constrangimentos vão desde dificultar a fala em plenário até atos administrativos que interferem na equipe do mandato, como ocorreu com a exoneração da chefe de gabinete da vereadora de São Borja, **Lins Roballo (PT)**, feita pelo presidente da câmara à revelia da parlamentar.

“A violência política na Câmara de Vereadores faz parte de um projeto político perverso que está em curso desde 2015. Primeiro foi a queda da presidenta Dilma, depois os planos municipais de educação, a morte da (vereadora) Marielle Franco e outras situações que nos levam a crer que não é um ataque pontual à vereança, à mandata e à vereadora. Na realidade, é um projeto de perseguição política de mandatos comprometidos com a verdade e que conseguem ter resultados propositivos do espectro político local, estadual e nacional”, explica Lins.

A violência política tem como alvo pessoas, especialmente mulheres e LGBTs, que ocupam cargos públicos e no Brasil tem atingido níveis inaceitáveis de abuso e impunidade, onde a emboscada e o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco (PSol) são um caso extremo que também se articula à questão racial. O emprego da violência física ou psicológica tem como objetivo intimidar ou dificultar o exercício dos direitos políticos e as motivações geralmente estão ligadas a marcadores sociais como gênero, orientação sexual, raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Em alguns casos, as agressões ocorrem publicamente e dentro do parlamento como no caso da vereadora, Benny Briolly (Psol), xingada e atacada por um colega em plena câmara municipal de Niterói, em um ato cujo conteúdo foi considerado como evidente demonstração de transfobia. Benny foi alvo de ameaças em redes sociais e ficou afastada do país por temer pela sua segurança.

Para a vereadora **Maria Regina (Rio Grande/PT)**, muitas situações enfrentadas nos parlamentos são casos de LGBTQIfobia institucional.

“Nosso gabinete é um gabinete inteiramente LGBT, demarcando espaço e pauta dentro da câmara. Vemos as violências dentro desse espaço legislativo como LGBTQIfobia institucional. São piadinhas, olhares e negativas de inconstitucionalidade a projetos sobre a diversidade”, explica a vereadora.

## Transpolítica

Mesmo em um cenário político de extrema dificuldade, a expectativa é que as candidaturas de pessoas trans sigam crescendo. A eleição de parlamentares aumentou a visibilidade dos mandatos e a representação interna nos partidos, proporcionando melhores condições de disputar recursos e negociar condições mais favoráveis para que mais gente possa entrar nas disputas. “(As candidaturas eleitas) vão mudando a correlação de forças e enfrentando a sub-representação. Isso interfere no diálogo e na mediação dentro dos partidos”, avalia Bruna.

Os casos de violência também vêm sendo enfrentados e denunciados pelas parlamentares. No Rio Grande do Sul, a Força-Tarefa de Combate aos Femicídios da Comissão de Segurança e Serviços Públicos da Assembleia Legislativa recebeu denúncias e ouviu parlamentares vítimas de violência, encaminhando as denúncias à polícia. A ANTRA também deu início à organização de uma Frente Transpolítica para fortalecer candidaturas, formar quadros e impulsionar novas candidaturas. O movimento já conta com 17 parlamentares e pretende constituir-se como espaço para organizar uma rede e um fórum para discutir uma agenda comum.

Um dos pontos que está na pauta da articulação é o problema da negligência histórica na produção de dados e no registro de candidaturas e eleitores. O cadastro exigido pelo Tribunal Superior Eleitoral para registro de candidaturas inclui o nome social desde 2018, mas o dado não permite identificar as pessoas trans com precisão estatística, prejudicando a coleta de informações. Com a melhora nos registros, aumenta a transparência e permite que os dados sejam consultados de forma mais ampla. Mesmo em um cenário político de extrema preocupação, as conquistas eleitorais e o resultado da atuação de parlamentares trans tendem a estimular novas candidaturas e aumentar a presença de parlamentares não cisgêneros no Brasil.

“Dentro do atual governo de destruição e morte, os movimentos identitários (mulheres, LGBTQIA+s, Negras e negros entre outros) vem se fortalecendo e se unindo, dando visibilidade às populações antes vistas como minorias na nossa sociedade. Estes movimentos tendem a crescer e se fortalecer, ocupando todos os espaços da sociedade, dando representatividade real à sociedade brasileira”, resume a vereadora Maria Regina (Rio Grande/PT).

A avaliação é compartilhada pela vereadora Lins Robalo. Na sua opinião, as vitórias de propostas de mandatos coletivos e bandeiras minoritárias como a pauta LGBTQIA+, racial e da periferia também mostram uma resposta crítica e de qualidade diante de um governo considerado retrógrado e perverso.

“Nossas pautas avançam e trazem a responsabilidade de trazer vozes coletivas para o conjunto da política, fazendo estes espaços políticos entenderem a nossa presença, a presença da diversidade, da cor, dos territórios. Dá materialidade à representação de pessoas que vêm de lugares que a política institucional não estava acostumada a ter em espaços de voz. Quando a periferia tem espaço para falar e ser ouvida, conquista relevância dentro do contexto e muda a lógica e o resultado da política no nosso país”, conclui a vereadora Lins Robalo (São Borja/PT).

*\*Jornalista*



**Maria Regina**  
Vereadora PT Rio Grande

**Lins Roballo**  
Vereadora PT São Borja



Foi em 1998 que surgiu o **Jornal do nuances**, periódico feito pelo povo do nuances e colaboradoras. Fazer o Jornal do nuances só foi possível através de projetos financiados, mas também com o apoio das casas LGBTs, sindicatos, lojas, bares que sempre acreditaram em nosso trabalho. Por isso, queremos deixar registrado o agradecimento, principalmente para os locais LGBTs que foram responsáveis pelo sucesso de nosso jornal.

Nesta **edição comemorativa dos 30 anos do nuances**, destacamos alguns anunciantes que foram parceiros do projeto.



COLABORE E SEJA SOLIDÁRIE  
COM O NUANCES

Se você **pode e quer** fazer uma doação para  
a nossa entidade  
aí vão os nossos dados:

**Banrisul**  
Agência: 0040 Conta: 06047614.0-4  
CNPJ: 74.875.873\0001-84  
**Muito Obrigado!**

Projeto financiado pelo edital  
recorrente do Termo de  
Compromisso Consensual  
celebrado pela PRDC -RS/MPF  
em decorrência do fechamento  
antecipado da exposição  
"Queermuseu - Cartografias da  
Diferença na Arte Brasileira".

**EU  
SOU  
RES  
PEI  
TO**



# NEGA LÚ

## UM FRENESI NA MALDITA PORTO ALEGRE



O *nuances* e a Museologia da UFRGS realizaram em 2021 uma nova parceria, através de 4 instalações expositivas levamos a história da Nega Lú para as ruas da cidade! No ano em que o *nuances* completou 30 anos atuando pelos direitos da comunidade LGBTQIA+ gaúcha e agitando o ambiente cultural local as museólogas não poderiam ficar de fora dessa comemoração. A exposição foi financiada a partir do projeto contemplado no edital Eu Sou Respeito do MPF, que foi resultado da movimentação construída pelo *nuances* após o fechamento da exposição *QueerMuseu* em 2017, que acontecia no então Santander Cultural, hoje Farol Santander.

Quando convidadas pelo *nuances* a participar da atividade, nós do Curso de Museologia e do PPGMusPa prontamente atendemos, pois a parceria potencializava o diálogo com o ambiente extra universitário e tornava a cidade nosso laboratório de trabalho. O desafio foi homenagear uma personagem central na história cultural de Porto Alegre: a Nega Lú.

Alguns de vocês podem não tê-la conhecido, mas quem esteve em Porto Alegre nos anos 70, 80, 90 e início dos 2000, e circulou pela noite da cidade, frequentou os ambientes da dança, do teatro, da moda, do carnaval, da parada LGBTQIA+, certamente teve o prazer de ver ou ouvir a voz barítônica da Nega Lú. Ela, que nasceu no bairro Menino Deus em 1950, sob o nome de Luiz

Escaler, onde se reuniam as trupes mais escandalosas e contestadoras da cultura local. Nos anos 90, quando o *nuances* promoveu as primeiras Paradas Livres da cidade, lá estava a Nega Lú, sempre com uma montagem especial para o evento, brilhando nos desfiles do trio elétrico. Em 2021 completaram-se 15 anos da passagem da Nega Lú de matéria à purpurina. Coube a nós tentar fazer uma justa homenagem à memória dessa criatura de *nuances* e de brilho.

### As exposições - um convite para saborear e brindar nos bares as memórias da Nega Lú



A Nega Lú tinha muitas facetas e não foi nossa pretensão resumi-la em uma narrativa única, nosso objetivo foi homenageá-la em locais da cidade onde sua memória se faz presente. O primeiro núcleo expositivo apresentado foi na parede externa do Bar Ocidente, local que tem como marca ser receptivo a todos os públicos, e onde a comunidade LGBTQIA+ sempre foi acolhida. No Ocidente apresentamos a Nega Lú em alguns de seus locais preferidos, os bares e danceterias que frequentava e abalava. Na mesma quadra também foi inaugurada, no mesmo dia, uma instalação na Lancheria do Parque, corredor ou passarela tão importante na



Instalação Bom Fim - Lancheria do Parque



Bom Fim - Bar Ocidente



Mosaico de Silvia Marcon no Bar Ocidente



Menino Deus - Bar Plano A

Aírtton Bastos, afrontou todos os preconceitos e limites que lhe foram impostos. De família afrodescendente e com posses limitadas, ainda adolescente se identificou como a Nega Lú e se tornou um frenesi na cidade: foi bailarino da escola de dança clássica da russa Marina Fedossejeva, apresentando-se nos palcos mais concorridos da cidade com muito sucesso. Foi membro do Coral da UFRGS e depois do Coral da OSPA, onde por muitos anos e em diversos locais sua voz marcante foi ouvida e gravada. Foi professor de uma das primeiras escolas de modelos da cidade, a La Porta, onde ensinava garotas e garotos como andar em uma passarela e como portar-se socialmente. Foi cantor da banda de blues Rabo de Galo nos anos 80. Foi garçonzete no histórico bar Doce Vício nos anos 90. Mas foi, sobretudo, uma entidade que desfilava pelas noites loucas de Porto Alegre, usando figurinos chamativos, em geral acompanhados de um turbante, uma collant de dança, muitos colares e anéis. E uma voz que retumbava pelos ambientes onde dava o ar de sua presença.

Nos anos 70, chocava os bares da esquina maldita (esquina da Osvaldo Aranha com a Sarmento Leite) protagonizando números musicais e flertando com os bofes frequentadores. Nos anos 80 e 90, era vista sempre no maior fervor do Bom Fim, no antigo Mercado, principalmente no Bar

cultura porto-alegrense por onde Nega Lú desfilou infinitas vezes. Nestes dois locais a exposição teve início em 17 de setembro de 2021.

O segundo local a ser ocupado foi o Bar Plano A, na esquina da Gonçalves Dias com a rua Almirante Gonçalves, a rua onde nasceu e também local da Escola Infante Dom Henrique, onde ela estudou e estreou o nome Nega Lú. Ali apresentamos as suas origens familiares e religiosas. Destacamos, ainda, sua ligação com a Banda da Saldanha, grupo carnavalesco do qual Nega Lú era porta-estandarte. Sua inauguração aconteceu em 08 de outubro de 2021.

Por fim, o último local a receber a exposição foi o Bar Venezianos, mais um local de vivência da comunidade LGBTQIA+ da cidade, onde foi comemorada a personagem artística da Nega Lú, como cantor, bailarino e performer. O último núcleo expositivo foi inaugurado em 19 de novembro de 2021.

Para ver as imagens da exposição visitem [@exponegalu](https://www.exponegalu.com.br). Viva a Nega Lú!







Povo do nuances presente na abertura da exposição no Bar Venezaianos



Instalação Lancheria do Parque



Evento de abertura da exposição no Bar Venezaianos



Fiapo Barth, Perseu e Celio na inauguração da exposição no Ocidente



Grupo nuances na abertura da exposição no bar Ocidente



Mosaico da Nega Lu prestigiado por seus sobrinhos



7 Celio e Gustavo na inauguração no bar venezianos



Público presente na abertura no Plano A



Alice, Maythe, Marise e Betânia fazendo pose



Abertura da exposição no Venezianos



Menino Deus - Bar Plano A



Instalação da exposição no bar Venezianos



Cidade Baixa - grafite de Soulchamb na Av. Lima e Silva / Loja Profana



Cláudio Nunes, Liane e Betânia e Liana no Ocidente



Público na abertura no Plano A



Não poderia faltar um close das "lindas"



Vereadora Daiana Santos Maythe e Bethânia

Fotos: nuances, Hack Basilone, Walmar Triaca



**Equipe de trabalho**  
**Coordenação:** Marlise Giovanaz e Ana Carolina Gelmini  
**Equipe técnica:** Elias Machado e Vladimir Azeredo  
**Grupo discente:** Alisson Almeida; Artur Bonfim; Diully Novaczky; Geovana Erlo; Maria José Alves; Morgana Silveira Bartz; Nicholas Aguirre; Vinícius Bard.





Nos 30 anos de luta o nuances construiu uma rede de pessoas que participaram da construção desta história. Algumas delas nos deram seu depoimento.

# Depoimentos



"Era 2004 e eu pesquisava a história de Porto Alegre nos anos 1920, quando encontrei referências à homossexualidade em revistas locais. Do comentário sobre os "almofadinhas" junto ao Nuances, surgiu o convite para uma publicação no jornal, um debate e até a produção de xícaras ilustradas! O estudo, embora inicial, fez emergir comportamentos e sensibilidades legítimos de nossa história e identidade. Foi só um tijolinho, mas me orgulha ter contribuído, com ele, para fortalecer a bela e necessária história de luta do Nuances pelo respeito à "livre expressão sexual"!"

**Alice D. Trusz**  
Historiadora



"Conheço o nuances faz muito tempo. Em 2005 integrei o grupo do inovador Educando para a Diversidade. Que anos incríveis! Aprendi tanto e com tanta gente, produzia, trabalhava e lutava. O nuances é um coletivo pulsante, transgressor, alegre, dê muitas vozes e com uma atuação surpreendente e sem amarras. Enorme privilégio ser uma nuanceira!"

**Elisiane Pasini**

Doutora em Antropologia.  
Ativista feminista. Colaboradora na Ecos Comunicação e Sexualidade (São Paulo) e na Abracem (Marseille)



"O Nuances é dos grupos fundadores do movimento LGBTQIA+ no RS. Sempre se destacou pelos posicionamentos críticos, com consciência de classe e política. O movimento de homens trans aprendeu muito com a trajetória histórica nuanceira."

**Eric Seger**  
HTA - Homens Trans em Ação



"Só compreendemos a história de um movimento social quando olhamos para trás e conseguimos diferenciar o passado dos dias atuais. Esses momentos distintos, seus desafios e conquistas demarcam o exercício de nossas liberdades; das "portas abertas dos armários" às mãos entrelaçadas nos corredores dos shoppings, os casamentos gays, os beijos com carícias a céu aberto e tantas outras manifestações de nossa sexualidade. Essas grandes vitórias contam histórias de gerações que vem rompendo e lutando pela garantia da livre expressão de nossos corpos. Demarcam para além de um conteúdo jurídico e legal, uma prova de que homens

e mulheres podem se amar de inúmeras formas diferentes. Só temos a agradecer a esse tempo passado que com suor, lágrimas e sangue fez com que possamos ser o que hoje somos: LGBTQIA+. Obrigado Nuances por existir e resistir a toda essa história."

**Gerson B. Winkler**

Administrador, mestre em Saúde Coletiva, ativista pelos direitos das PVHIV



"Eu e o grupo Também Pelotas, que tem o Célio como padrinho, completamos 20 anos de ativismo. Este tempo não existiria caso não tivesse conhecido o Nuances que me mostrou ser possível fazer ativismo autêntico, corajoso e debochado muito diferente dos "militantes" de caráter duvidoso da época. Direitos se conquista, o difícil é mantê-los. Que o Nuances continue lutando e libertando mentes."

**Marcos Ronei Fernandes**  
Também/ Pelotas



"O nuances nos ensina há 30 anos a força do afeto e da ação. Foi pelo afeto que me aproximei do grupo, onde construí amizades sólidas, mas foi observando a trajetória do coletivo que vi o mundo ser afetado e transformado pela sua força de luta e sua inconformidade com uma sociedade injusta, preconceituosa e tacanha."

**Marlise Giovanaz**

Professora DCI/FABICO/UFRGS



"Tenho muito orgulho de ter iniciado minha militância no movimento LGBTQIA+ no NUANCES. Foram momentos de grande aprendizagem, troca, parceria e muita certeza que a luta de classes se entrelaça com a luta em defesa da democracia, contra o machismo, racismo e a LGBTFOBIA. Vida longa ao NUANCES."

**Silvana Conti**

Lésbica Feminista. Vice presidenta da CTB/RS.



"Sou Rosa Oliveira, tenho 54 anos, e fui ativista do Nuances em seus primórdios no ano de 1991. Eu ainda era estudante de direito, e lembro com muito carinho de nossas reuniões, festas e lutas. Dentre todas as coisas importantes que fizemos, me sinto orgulhosa de ter ajudado a registrar o grupo, propondo uma ação judicial em 1994."

**Rosa Oliveira**  
Advogada



Conheci o Nuances no ano de 1990. Eu já era uma militante feminista, mas não atuava na pauta LGBT. Meu irmão - que era hétero - contraiu HIV e eu precisava de orientação. Era uma pauta muito tabu, na época. Cazuza tinha acabado de morrer e falar sobre isso era muito complicado. Um dia, passeando no Brique, o Célio me entregou um Jornal do Nuances e as reportagens falavam do GAPA e do combate ao vírus. Fui até a sede do GAPA durante a semana e procurei por ele. Conversamos durante um tempo ele me acolheu, orientou, encaminhou. Foi um momento ímpar.

Anos depois, eu já militava na temática lésbica e nos reencontramos, agora unificando as lutas de duas entidades (Nuances e LBL). A parceria nunca acabou. Fizemos grandes ações juntas. Uma das mais importantes a ação para retirada dos símbolos religiosos dos espaços públicos do RS, em 2011/2012, questionando a violação do princípio da laicidade do Estado.

Comemorar os mais de 30 anos do Nuances é um prazer e um privilégio. Uma entidade comprometida e engajada nas lutas dos nossos tempos.

Vida longa ao Nuances!"



**Naiara Malavolta**

Rede LesBi Brasil e Marcha Mundial das Mulheres

"Nesses 30 anos de existência, o NUANCES tem sua história marcada pelo enfrentamento aos preconceitos, discriminações e injustiças de todo tipo cometidas contra a população LGBTQIA+. Inovou, agregou parcerias, criou jurisprudência, revolucionou costumes. Sua permanência e resistência, reforça nossa esperança em dias melhores. Vida longa ao NUANCES!!!!"

**Mirian Gizele Medeiros Weber**  
Psicóloga Sanitarista





"Os trinta anos do Nuances tem de ser muito comemorados por todos aqueles que lutam pela liberdade e contra o fascismo, tanto na sua faceta macro/necropolítica do governo atual como na micropolítica das relações cotidianas. Não é por acaso que a parada livre em Porto Alegre, fundada pelo nuances, assim se chamou, ao invés de seguir a onda do restante das paradas no mundo, as quais assumiram uma faceta identitária. O nuance faz parte da minha vida, tanto como pesquisador e professor, assim como sujeito político. Vida longa ao nuances."

**Henrique Caetano Nardi**  
Professor titular UFRGS



"Conheço o Nuances, desde 1992, quando o grupo ainda estava se formando. Desde então, tenho acompanhado sua trajetória, seus desafios e contribuições, tendo algumas vezes o prazer de participar de algumas atividades. O que me chama a atenção nesta trajetória é o vigor com o qual o grupo defendeu e promoveu os direitos humanos da população LGBT, e realizou um original e eficiente programa de prevenção ao HIV/AIDS, ao mesmo tempo em que celebrou o prazer, a irreverência e o bom humor para enfrentar a caretece e os preconceitos que reprimem o sexo e o desejo."



**Veriano Terto Jr.**  
Vice-Presidente ABIA

"O Nuances tem um papel destacado na história do reconhecimento dos direitos LGBTQIA+ no Brasil. A primeira ação civil pública do Ministério Público Federal na defesa destes direitos, da qual eu fui um dos signatários, foi proposta a partir de representação do Nuances. A ação foi julgada procedente e obrigou o INSS a reconhecer direitos previdenciários de gays e lésbicas em todo o Brasil."

**Paulo Gilberto Cogo Leivas**  
Procurador Regional da República



"Aos que chegam, sejam rosas ou azuis; insinuantes arco-íris; faz sentido atizar e aguçar os sentidos; promover o bem comum; cada qual com suas linguagens nos seus espaços públicos e privados... minando o "empoleiramento político de asas curtas" e fortalecendo o empoderamento de todos atores sociais na busca de um planeta mais justo, solidário e respeitoso."

Parabéns ao nuances!"



**Glademir Antônio Lorensi**  
Co-fundador do nuances

"Ao longo dos seus 30 anos, o grupo NUANCES foi um dos principais coletivos na cidade de Porto Alegre a defender a diversidade e promover o acesso e inclusão da população LGBTI+ em diferentes cenários políticos, culturais e de direito. Nesse sentido, a comemoração do aniversário de fundação do grupo é uma data de festa para a comunidade, assim como de resistência e luta."

#### **Marcelly Malta**

Presidenta da ONG Igualdade RS (Associação de Travestis e Transsexuais do Rio Grande do Sul), liderança política de nível nacional e coordenadora de diversos projetos de saúde e direito à população de Travestis e Transsexuais no sul do Brasil.



"Ter passado pelo nuances, foi transformador na minha vida. Me deu força, conhecimento e auto estima para chutar a porta do armário. A Parada Livre, o POA Noite Homens e o Gurizada do Barulho ajudaram a construir a bixa que sou hoje. Naqueles anos 90, o nuances já defendia o corpo como como privado e de responsabilidade somente da própria pessoa, já gritava que a monogamia não defini quem contraí ISTs. Ser uma NUANCEIRA é orgulho! O Nuances mudou paradigmas!"

**Fernando Pecoits**  
Bixa e Nuanceira.



"A história do movimento das bichas-trans-sapatas-bi-e tantas outras (des)figurações do desejo no Brasil só pode ser acompanhada com leitura atenta (e atinada) das páginas escritas pelas nuanceiras. Não há como imaginar uma política de identidade (em desconstrução), a garantia de direitos ou a livre expressão sexual e de gênero sem ponderar a atuação e a fortíssima incidência política, cultural e epistemológica que o grupo nuances produz(iu). Os efeitos do que aqui já se fez - e ainda se está fazendo e/ou fará - gongam qualquer monotonia do desejo, preguiça política ou servidão normativa. O imenso e variado acervo público (incluindo conquistas de direitos, produções culturais, conhecimento, formação política) que o grupo apresenta ao país, ao completar divinos 30 anos, não deixa dúvida alguma, meu bem: se é (do) babado, então (do) é nuances! É fervo, close, aquecimento... é a política nas e das ruas!"

**Fernando Pocahy**, apareci no nuances em 1996 e desde lá me sinto plenamente nuanceira; atualmente, longe de casa, trabalho e vivo no Rio de Janeiro, onde sou professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



Conheci o NUANCES via uma amiga do interior que participou das atividades ofertadas no Mercado Público, uma roda de conversa voltada a juventude LGBT isso era 1999, desde então passei a receber aqui em São Borja o jornal do NUANCES, em 2007 ao pensarmos em iniciar um movimento social LGBTTIQIA+ no interior fui a Porto Alegre e busquei com o Célio Golin, as informações de como organizar e como fortalecer essa pauta, fui muito bem recebida e orientada, hoje a Girassol, Amigos na Diversidade tem 15 anos e tem seu nascedouro a partir da construção e aproximação com o NUANCES e suas ações de informação e aproximação. Parabéns NUANCES que venham mais e mais anos de ações!

#### **Lins Roballo**

Coordenadora da Girassol, Amigos na Diversidade São Borja, Assistente Social e Vereadora



"Declaro toda a minha admiração e respeito pelo grupo Nuances nos seus 30 anos de luta! Sinceramente, o Nuances, na minha visão, é um grupo necessário, faz uma diferença enorme no estado do RS e também no Brasil, razão pela qual não se faz 30 anos todos os dias. E eu, que apesar da distância, estou sempre ligada pelo coração e memórias, pelas lembranças positivas de tudo que fizemos e faremos ainda! Desejo de todas as minhas possibilidades, dessa travesti que preside a maior rede de pessoas trans do Brasil, que é a ANTRA, que o Nuances possa continuar na sua trajetória, que não fuja nunca da sua missão e da luta, da reação."

Desejo que o nuances possa comemorar 30, 60, 90, 120 anos e quando não estivermos mais nesse plano que o Nuances continue aí como sempre esteve na defesa das pessoas mais vulnerabilizadas as quais realmente precisam ser defendidas. Boa luta e batalhas! Muitas resistências! É luta, é ação e é resistência! Essas três palavras pra mim, resumem, de fato, o que o Nuances faz e será para sempre!"



**Keila Simpson Sousa** –  
PresidentRA da ANTRA . Com TRA de travestis. Sucesso aí.  
Bjsss no coração de vocês e obrigada mais uma vez.





# É UÓ!

ONDE A BAIXA SOCIEDADE DAVA O CLOSE

Gentes, a nuancetas sempre gostaram de close, mesmo não sendo tão lindas assim.... elas que nesta coluna que tanto sucesso fez, mostravam o glamour das amigas e as vezes das inimigas. Nesta edição especial dos 30 anos do jornal do nuances, uma publicação incomodativa pra caretice da sociedade, vamos resgatar os olhares, os closes, apetis, picumãs, edis e outras saliências, toda a beleza e simpatia do povo LGBTIZ. Esse povo, que por anos frequentou os inferninhos da noite transviada desta cidade nos anos 90 tinha esta coluna para mostrar seu pedigree. Gurias, naquela época o close e a lacração dependia do click de uma boa câmara fotográfica e tínhamos várias. Hoje as bonitas tem esse babado de rede social e ficam aí lacrando e cancelando as "amigas". Nós as nuanceiras, umas bixas mais antiguinhas, mas atinadézimas para tudo o que acontecia na terrinha e também no restante do globo terrestre, trazíamos na coluna É UÓÓÓ, um mundo para além das margens da baixa sociedade, mas um pouco do gozo de tanta gente que já subiu e de outras que insistem em continuar a incomodar a norma. Bons olhares...



Close para a coluna É Uó!



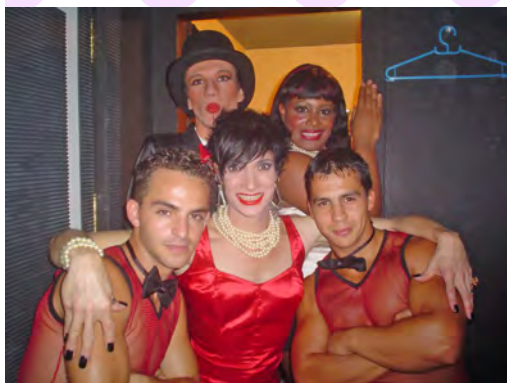
Linda Dornelles e Marcela



Fiapo Barth e Miltinho Talaveira



Ao centro - Maria Luiza Mendonça!!!



Frente - Kadú, Rebecca MacDonald e Giba.  
Atrás - Luciano Berta e Teresa Camburão



Aniver Cláudia no Metrô Bar - a frente na foto nossa amiga bafonézima Gil



Vitraux - Beto



Casa Portugal Cibebe palco



Claudio e Vinicius



Luiz Gustavo Wiler e Walmor Triaca no Indiscretus Club



Amigas na night



Cicuta chiquerrima!



Fotos: acervo nuances



Juares Gois, Rogéria e Claudio Oss



Samira!



Ingrid, Drica e Marcela na Banda da Saldanha



Suzete Black!



Casa de sereias



As filhas de Claudiona



João Carlos Castanha na exposição  
A Rua derruba o Armário



O gringo Benjamin Jung e Samuel



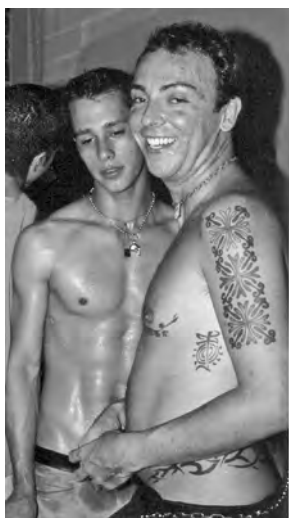
Maria Helena Castanha, Dandara Rangel, Olga Torres, Fernando (Eróticos Vídeos),  
Lady Cibebe e Cubano (Eróticos Vídeos)



A saudosa Julia Mattos com seu poodle muito bem protegida por seus bofes obedientes



Heinz Limaverde, Lauro Ramalho e Dandara Rangel na Escola de Sereias



Bofe e Smirá



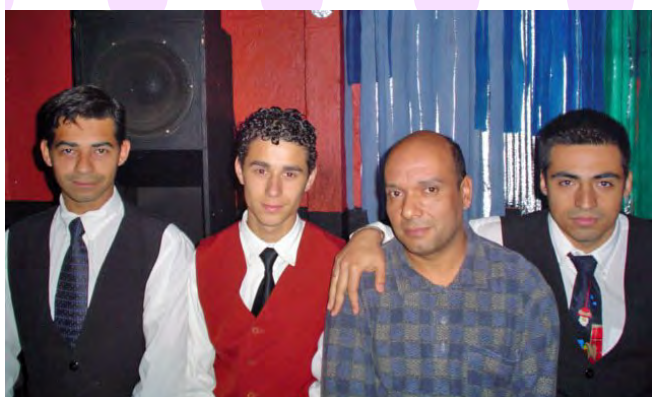
Barbara Schneider e Gloria Crystal



Maitê e Cristiane\_Miss Plenitude 2007



Indiscretu's - Aniver Demetrio Claudio, Mimi e Mara



Guta Maria está entre amigos e sem gravata



Charley e Magerson (a direita) \_amigas de longa data



Alessandra Graeff no Indiscretus



# Pé na porta:

sapatonas, lésbicas, entendidas e hétero-simpatizantes 30 anos dando as caras por aí

**Hack Basilone\***

**Quantas nuances um grupo pela livre expressão sexual fomentou em 30 anos de trajetória?** Certamente algumas já bem conhecidas e outras, bem menos. Mas, se tem irenes tem fofocas, e é do babado das sapatas que aqui eu vou contar. Quer dizer, não só delas, mas de todas que reivindicavam políticas que incluíssem as mulheres e protagonizassem ações importantes junto às bichas, em diferentes épocas, cada uma a seu modo. Há atravessamentos históricos que acompanharam todas as transformações desse período. A cada vez que recontamos tais memórias, colocamos junto em movimento toda uma estrutura.

A presença das mulheres, lésbicas, bissexuais e hétero simpatizantes, marcou as organizações mistas do movimento LGBT. A realidade enfrentada pelas que ousavam posicionar-se enquanto dissidência da heterossexualidade, algumas décadas atrás, no então “movimento homossexual”, era bastante dura. A organização era mais difícil para elas por confrontar uma sociedade estruturada em bases patriarcais. Como diz Tania Navarro Swain “A história não nos traz certezas, apenas questões sobre um humano infinitamente plural. Mas a eliminação do múltiplo se faz em apenas algumas gerações de silêncio.” Reconhecer o trabalho feito nesses momentos difíceis é valorizar toda a força empregada em uma construção que vem sendo coletiva desde então. Até mesmo a inserção da palavra “lésbica” na sigla não veio fácil, foi conquistada. E lá nessa luta estiveram presentes as nuanceiras Liane Muller e Íris Germano, no VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais, em 1993, na cidade de Cajamar.

Recuperar todo o brilho e dedicação dessas que estiveram de corpo inteiro na militância naquela época em que o peso do julgamento popular estigmatizava, associando-as a drogas, promíscuas e aidéticas, é valorizar a memória delas. Ainda que algumas tenham precisado utilizar o armário como armadura, trago aqui nas minhas linhas tortas (ou, tortilleras) toda minha admiração e reconhecimento.

## Dando as caras no movimento

**Liane Susan Muller (Magrona), Betânia Alfonsin, Rosa Oliveira, Edna Keitel, Maria Terezinha Costa (Teca), Helena Martins, Iris Germano (Neneca), Mirian Weber, Silvana Conti, mariam pessah, Cecília Froemming, Luciana Monteiro, Hack Basilone.**

Por indicação de Célio, Perseu e Betânia, foi inspirada na narrativa de entrevistas com elas que fiz essa matéria, considerando o que era ser lésbica/sapatão/entendida/hétero colaboradora, assim como as mudanças de entendimento e nomeação em diferentes tempos. Cada uma falou sobre a experiência de participação no Nuances, como grupo misto que desde o início militou pelos direitos sexuais, com atuação na saúde e na educação. Ainda que nem todas pudessem assumir publicamente sua sexualidade, e nem todas fossem “do vale”, as colaborações foram plurais. Por isso, utilizo a expressão 'dar as caras' aqui com diferentes sentidos de enfrentamento: seja a conquista de lésbicas e gays poderem andar de mãos dadas nas ruas sem passar por constrangimentos, seja indo à mídia falar sobre o tema, seja carregando orgulhosamente a bandeira em uma parada, seja debatendo em encontros articulados pelos movimentos sociais, seja colocando-se em qualquer forma de embate necessário para ter o direito de ocupar espaços, existir e expressar a sexualidade de maneira livre.

Cada uma ao seu estilo e do lugar que ocupa, todas foram muito significativas em suas contribuições. Houve muitas mais, inclusive mulheres trans e travestis, mediante parcerias, impossíveis de resumir em poucas linhas, que fizeram parte do fortalecimento das ações e que incluem organizações como a **LBL, NEP-POA, Igualdade, Outra Visão, Maria**

**Mulher,** para mencionar algumas importantes.

## Com pé na linha de largada: a ata de fundação

Desde o início do nuances, o protagonismo das mulheres e sapatas foi forte, embora em menor número, mas compondo o grupo pela livre expressão sexual de muitas maneiras. Mesmo antes da fundação oficial, suas participações foram presentes. Profundamente ligadas ao **Gapa**, importando-se com a grave situação da AIDS que trazia as tristes e irreparáveis perdas de amigos, com influência do mote feminista de que o pessoal é político e com a força do movimento estudantil, a compreensão política de suas vidas já se colocava como eixo importante para as visões de mundo dessas protagonistas.

É pela necessidade de contemplar as pessoas homossexuais e confrontar o moralismo hipócrita do RS que se estabeleceram as conversas e reuniões que impulsionaram a criação do Movimento Homossexual Gaúcho, cujo nome passa a ser nuances, que foi o registrado. O marco que dá existência oficializada ao grupo, a ata de fundação do Nuances, é elaborada em 1993 por Rosa Oliveira (ainda então uma estudante de direito na UFRGS) e é assinada por Betânia Alfonsin, advogada atinada nos movimentos sociais. A partir daí ficou viável inscrever projetos para financiamento público possibilitando ampliar os planejamentos e ter estrutura para as atividades.

## O close delas na primeira Parada e no ferve: sapatonas presentes

Entre as poucas pessoas presentes na estreia da Parada 1997, data da primeira Parada Livre, lá estavam Liane, Íris e Edna carregando a principal faixa, e se fazendo presentes em um momento inaugural. Embora, infelizmente, não existam fotos, o que as câmeras não captaram a retina reteve: há memórias vivas dessa história, que podem ser contadas pelas próprias, assim como pelas bichas e punks anarquistas que se somavam.

Por falar em ferve e política, isso não faltava às frequentadoras de locais como Bar da Vanda, Fantasia, Esperança, Le Petit, Romeu e Julieta, Fêmina, Brooklin, Doce Vício, Escaler, Ocidente, L'Entourage, Anjo Azul, Vitraux e Venezianos onde os encontros se faziam afeto e celebração pelas ruas que ferviam na noite portoalegrense, alcançando o público a quem se destinavam as intervenções (majoritariamente os gays).

Promovendo um diálogo próximo, buscava-se promover saúde e educação de maneira orgânica.

## Quando os olhares se voltam para as lésbicas e bissexuais

As especificidades do que era existir enquanto lésbica já havia levado a tentativas de coletivos separados, com o objetivo de organizar demandas e estratégias contra a estrutura social patriarcal que tornava alguns espaços inóspitos (sendo ainda um desafio fazer tal enfrentamento) ou muito difícil para que elas fossem liderança e pudessem tomar a dianteira de discussões que se faziam importantes. A questão chegou a ser tema de uma das conversas organizadas sob o nome de Aquendações na Alcova, ainda na sede da Praça Rui Barbosa, no ano de 2001. Um dos postais de divulgação do grupo, contendo a foto de um casal lésbico jogando sinuca e programação na parte de trás, tem como o seguinte enunciado “17/04/2001 O nuances é um grupo pela livre expressão sexual dos homens? Ou inibe a participação feminina na discussão? Facilitador: Fernando Pocahy”. Ainda que se evitasse o essencialismo das identidades mediante uma militância nuanceira que frisava a liberdade, era impossível ignorar as particularidades de denúncias de violações recebidas por e-mail e telefone de lésbicas e mulheres bissexuais. Afilnal, uma sociedade com obstáculos como o machismo, a misoginia e o racismo dispararam suas violências de maneira criteriosa.



Obscuro objeto do desejo  
**nuances**  
grupo por livre expressão sexual



É nítido que o debate que estava presente na época culminou em um esforço de construção, necessário naquele momento, de se organizar separadamente dos homens gays. Destacaram-se na época os seguintes grupos:

**Sapho-** sobre o qual pouco se sabe e durou pouco tempo (ali por meados da década de 1990), com poucas reuniões realizadas. (foto)

**Legau- Lésbicas Gaúchas.** Coordenado por Miriam Weber, existiu entre 1995 e 2004, sendo um espaço que se manteve sem CNPJ, escolhendo exercer a militância sem institucionalizar sua atuação.

**LBL/sul - Liga Brasileira de Lésbicas** (que depois também incluiu as bissexuais) da região sul formou-se em seguida ao Planeta Arco-Íris, no III Fórum Social Mundial, em 2003 (realizado na cidade de Porto Alegre) agregando participação de integrantes de diferentes organizações e também as autônomas. Destaco, entre as fundadoras, Roselaine Dias (parceira de longa data do Nuances), Silvana Conti, Miriam Weber e mariam pessah. A LBL/RS suspendeu suas atividades por tempo indeterminado em 2019.

Como as lésbicas e mulheres hétero e bissexuais contribuíram apenas por determinados períodos dentro do nuances, a atuação do grupo nesse sentido muitas vezes acabou se consolidando em apoio a iniciativas de outras organizações ou contemplando os debates dentro de temas mais amplos dos direitos humanos. Como exemplos nesse sentido, podemos dizer de diversas ações, sendo algumas: **Projeto Gurizada do Barulho**, iniciado em 2001, para jovens lésbicas, gueis e transexuais; **Projeto Educando para a Diversidade**, em convênio com o Programa Brasil Sem Homofobia nas 4 edições que aconteceram, respectivamente em 2005, 2006, 2007 e 2008, **Bate-Papo com Surdos e Surdas LGBTTs**, em 2005 (depois do qual uma das participantes, Priscila, assumiu sua lesbianidade), entre muitos outros que buscavam contemplar a diversidade da livre expressão sexual tanto entre quem organizava quanto entre participantes. No entanto houve um projeto que direcionou o olhar especialmente às elas!



## Projeto Olhares

Foi uma ação direcionada para as lésbicas, em 2004. Coordenado por **mariam pessah** e **Silvana Conti**, em parceria com a **Liga Brasileira de Lésbicas da Região Sul**, teve como objetivo proporcionar discussões sobre as vivências lésbicas envolvendo assuntos como: violência, gênero, saúde, etnia, cultura e direitos. Durante nove meses houve oficinas e encontros quinzenais para conversas sobre tais temáticas, que aconteceram no Mercado Público e na Sede do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher. O objetivo foi proporcionar discussão sobre questões relacionadas às experiências de lésbicas que envolvem violência, gênero, saúde, etnia, cultura e direitos.

Por alinhamento com calendário coletivo de lutas, a data da visibilidade lésbica tem destaque para as nuanceiras. Seja com atividade prevista dentro de projeto e/ou em parceria com organizações lésbicas, ressaltando o reconhecimento das conquistas e demandas delas, o dia 29 de agosto é lembrado pelo Nuances.

## Seguindo na estrada

Em 2020, com a chegada da pandemia, a vontade de celebrar notáveis sapatões que pisaram na opressão e preconceito precisou se adaptar à comunicação via internet. Uma sapatão e uma bissexual escolheram 9

lésbicas para divulgar suas minibiografias, em formato de banner digital, e deixar, nas trilhas do feed e linha do tempo das redes sociais do nuances, as pegadas delas. **Herstória: Pegadas de Notáveis Sapatonas**, fez delas, presentes! Um contraponto ao apagamento das mulheres que acontece na história hegemônica, provocando o questionamento pela troca do pronome **his** = dele, em inglês, por **her** = dela.

Nesse mesmo ano teve a live **Live Sapatas na academia: uma via de mão dupla**, que convidou Ana Carla Lemos e Rafaella Vasconcelos Freitas, com mediação de Hack Basilone, para conversar sobre o trânsito entre movimento social e universidade. Sem reiterar uma visão polarizada, que por muitas vezes predominou nos discursos (seja de militantes seja de acadêmicas), o diálogo apontou desafios e reconheceu o quanto as parcerias entre academia e militância se fazem presentes nas interlocuções.

Em agosto de 2021 foi planejado um evento virtual que reuniu os Conselhos Estaduais de Direitos Humanos da região sul com foco na temática lésbica chamado **Lesbianidades em Movimentos**. Como conselheira no CEDH-RS, a participação na organização e mediação em uma das mesas colocou o Nuances como integrante dessa ação, assim como a OSC Outra Visão, também titular e parceira de longa data. Foram dois dias de evento, com 4 mesas, cada uma com uma temática. No total foram 12 convidadas, 4 mediadoras e uma apresentação artística no formato slam.

Também iniciou em 2021 o projeto **Empodera-Te**, em parceria com o SindBancários através do orçamento participativo, visando conscientizar sobre preconceitos e discriminações que acontecem envolvendo a categoria bancária e a sociedade em geral. Mediante um viés interseccional, com lives, banners digitais e formações, são abordados temas como enfrentamento à LGBTfobia, machismo, racismo, capacitismo e assédio moral e sexual. A primeira temática contemplou a visibilidade lésbica e bissexual em conjunto dando destaque às questões envolvendo trabalho. Foram convidadas: Bia Garbelini, Bruna Ravena Braga e Luciana Krumenauer, com mediação de Hack Basilone.

## Movimentamos, em alianças

Por fim, mas na perspectiva de constante continuidade, não acredito numa linearidade do movimento histórico, e sim em transformações. Os enormes preconceitos uma vez vivenciados são como cicatrizes, como efeitos amalgamados pelas estruturas implacáveis do tempo. Ao considerar os retrocessos sofridos em praticamente todos os espaços de militância na atual conjuntura política, percebemos agora que a democracia ameaça ruir de vez. Nesse sentido, é preciso um esforço contínuo de construção de pontes, essas mesmas que se apoiaram nos ombros largos das que vieram e que nos inspiram a seguir a caminhada. Valorizar a herstory[1] de todas que abriram caminhos é movimentar, junto a elas, afetos, ações, debates, muitos sentidos de transformação que a militância carrega enquanto reconhecimento da lesbianidade de maneira ampla e questionadora dentro dos direitos humanos: Audre Lorde, Roseli Roth, Clau de Sapatá, Luana Barbosa, Marielle Franco, Carla Baptista, Nancy Cárdenas e **LIANE SUSAN MULLER**, que recentemente retomou a militância no Nuances.

**VIVA!!!!!!** Queremos caminhar ao lado de todas essas incríveis que abriram as estradas e estão PRESENTES na nossa luta.



**Se sofrer homofobia, denuncie:**  
**Delegacia de Combate à Intolerância**  
**Av. Pres. Franklin Roosevelt, 981/ (51) 3338-6440**



CONTRA O ÓDIO,

LUTA!

25ª  
PARADA  
*Livre*  
POA  
ESSA BANDEIRA É DE TODOS05/06  
NA REDENÇÃO

## ORGANIZAÇÃO:

nuances  
Grupo pela livre expressão sexualIgualdade  
Associação de Travestis e Transmasculinistas  
do Rio Grande do Sul

## APOIO:

NUDS  
Núcleo de Diversidade  
Sexual do Sintrajufe RS